

A “tagarelice” de Macedo e o ensino de história do Brasil

Dislane Zerbinatti MORAES¹

RESUMO: Neste artigo realizamos a leitura do romance *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, sob o ângulo da produção de textos que visavam à construção da idéia de modernidade, valor comum nos discursos médico, pedagógico e historiográfico no século XIX. Tratamos também de fornecer elementos metodológicos para a análise histórica de documentos literários e avaliamos os limites e possibilidades de utilização dessa linguagem no ensino de História. Entendemos a literatura como uma fonte documental específica, que merece uma análise acurada para que se possa apreender os elementos históricos associados à dimensão textual e aos contextos de produção e recepção.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História; Literatura brasileira; História cultural do Império.

O ideal romântico-nacionalista de criar a expressão nova de um país novo encontra no romance a linguagem mais eficiente. Basta relancear em nossa literatura para sentir a importância deste, mais ainda como instrumento de interpretação social do que como realização artística de alto nível. Este alto nível, poucas vezes atingido, aquela interpretação levada a efeito com vigor e eficiência equivalentes aos dos estudos históricos e sociais.

(Antonio Candido)²

Neste artigo empreendemos a leitura do romance *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, com o objetivo de construir uma metodologia de interpretação de textos literários no ensino de História do

Brasil. Poesias, romances e crônicas são modalidades de textos citados com alguma frequência nos livros didáticos de História e circulam por todo o currículo do ensino fundamental e médio. Ora eles são usados como sugestão ou introdução dos mais variados assuntos, com o objetivo de atrair a atenção do aluno, ora são apropriados pelo discurso historiográfico como fontes documentais.

Estamos pensando aqui no aproveitamento destes textos como elementos constitutivos do ensino de História, e não como ilustração de conceitos históricos desenvolvidos em outra parte. Quais as dimensões históricas de um texto literário? Que relações históricas estão presentes em textos que foram escritos seguindo princípios artísticos? De que forma podemos superar os anacronismos e a leitura superficial, quando trabalhamos com a ficção nas aulas de História? Essas e outras questões, muito complexas, nos motivam neste estudo.

Os textos literários, por terem sido escritos por pessoal capacitado – escritores de renome – são muito atraentes, seduzindo os leitores iniciantes – alunos da escola básica –, e respondem às expectativas dos professores, que se sentem mais tranquilos e motivados com a adesão dos alunos às aulas. Não só a literatura preenche estas características, como outros tipos de documentação: cinema, fotografia, música, artes plásticas. O ingresso destas linguagens na sala de aula traz a questão da leitura adequada, porque elas são modalidades especiais de discurso inseridas em gêneros, estilos e cânones literários, e conseqüentemente, não se efetivam como objetos neutros, que falariam objetivamente da realidade como se fossem espelhos. Lembra-nos Antonio Candido: “Ora, em boa literatura, apenas na aparência a prosa é natural ou equivalente da fala diária, entre ambos há um afastamento necessário, sempre que o escritor pretende algo mais do que divertir um público mediano.”³

Esta documentação precisa ser entendida como olhares sociais com determinações históricas específicas. São documentos relativos ao universo cultural do momento em que foram escritos. Muitas vezes, o mais importante é esclarecer o sentido conferido à obra pelo autor, que faz a mediação entre o real e a ficção, pois como se costuma dizer existem vários níveis de realidade presentes na literatura. Citando Nicolau Sevcenko, a propósito do estudo de Lima Barreto e Euclides da Cunha:

O estudo da literatura conduzido no interior de uma pesquisa historio-gráfica, (...) preenche-se de significados muito peculiares. Se a literatura moderna é uma fronteira extrema do discurso e o prosclênio dos desajustados, mais do que o testemunho da sociedade, ela deve trazer em si a redenção dos seus focos mais candentes de tensão e a mágoa dos aflitos. Deve traduzir no seu âmago mais um anseio de mudança do que os mecanismos de permanência. Sendo um produto de desejo, seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade. Preocupa-se com aquilo que poderia ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com o seu estado real.⁴

Assim, podemos dizer que os textos literários são objetos complexos, sobre os quais recaem determinações de vários níveis de profundidade, ligados à vida mental e à estrutura socioeconômica. Os textos produzem jogos de mediações, reconfiguram o real, montando por meio da ficção um mundo novo, de acordo com o sistema ideológico e literário em que o autor está inserido. Com relação ao real, que é a matéria de toda obra literária, estabelecerá uma homologia, tanto na forma de caricatura, ironia, comicidade, alegoria, enfim, metáforas de todo tipo, quanto na forma de estruturas narrativas, que carregam consigo concepções de mundo.⁵

Para uma boa compreensão dos textos literários devemos levar em conta três elementos indicados por Antonio Candido: "um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes de seu papel, um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive e um mecanismo transmissor (de modo geral uma linguagem traduzida em estilos) que liga uns e outros".⁶

SISTEMA LITERÁRIO ROMÂNTICO E AMBIÊNCIA HISTÓRICO-CULTURAL DO IMPÉRIO

Tomando este modelo como base de nossa interpretação, iniciaremos nosso estudo sobre *A Moreninha* buscando reconstituir o sistema literário formado pelos escritores românticos, destacando seu projeto ideológico para a sociedade brasileira e identificando as marcas desse projeto no texto. A leitura de Macedo é estratégica no ensino de História

do Brasil porque o autor viveu e atuou em uma sociedade que passava por transformações e estabilização de coordenadas de pensamento lançadas ao País com a vinda da Família Real e com o processo de Independência do Brasil. As condições do meio intelectual mudaram com a vinda da Família Real, que se viu na obrigação de criar instituições culturais e artísticas. Foram implantados cursos superiores, escolas técnicas, grande imprensa. As revistas literárias, como *Niterói*, *Revista Brasileira de Ciências, Letras e Artes* (1836), *Minerva Brasileira* (1853-1844) e *Guanabara* (1849-1855), deram continuidade à efervescência intelectual, formando a tendência romântico-nacionalista brasileira. *Niterói* trazia a epígrafe: “*Tudo pelo Brasil, e para o Brasil*”.⁷

Os elementos biográficos que constituem o núcleo de sua formação como escritor também são relevantes para o entendimento do processo de construção do pensamento da elite intelectualizada sobre o Brasil. Macedo fez carreira como professor de História e de Geografia do Brasil no Colégio Pedro II, foi preceptor dos netos do imperador, filhos da princesa Isabel, e ocupou cargos políticos de médio porte. Membro do Partido Liberal, foi deputado provincial e deputado federal de 1864 a 1868 e de 1878 a 1881. Participou ativamente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ocupando os cargos de secretário (1852-1856) e orador efetivo (1857-1881). Fundou com Porto Alegre e Gonçalves Dias em 1849 a revista *Guanabara*. Como historiador escreveu muito pouco, destacando-se um ensaio sobre as implicações da invasão holandesa. Escreveu relatórios, orações necrológicas e biografias dos colegas do Instituto.⁸ Dizia-se discípulo de Varnhagen e, como este, concentrou seus esforços e pesquisa na construção de uma imagem positiva da monarquia. Segundo José Honório Rodrigues, “*Macedo foi sempre um liberal conservador, quer como historiador, quer como político*.”⁹

Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882) escreveu *A Moreninha* quando tinha 23 anos de idade e estava se formando em Medicina. Daí para a frente notabilizou-se como romancista, dramaturgo, poeta e orador. Ao mesmo tempo em que escrevia o romance, defendia sua tese de doutoramento, *Considerações sobre a Nostalgia*. Tanto no romance como na tese, percebe-se sua tendência ao estudo dos sentimentos e interesse pelas questões de seu tempo. É interessante perseguir os conceitos médicos presentes na sua obra literária, que em uma primeira leitura poderia

ser identificada, como de fato a consideraram alguns críticos, como sendo um mero romance folhetinesco sobre namoros e vida social da corte. É claro que *A Moreninha* retrata esse ambiente da corte, mas é um romance romântico que tem como objetivo fazer, como de resto toda a literatura romântica, uma interpretação da realidade brasileira, e simultaneamente, uma proposta de modernização do País, eliminando-se, no imaginário social, o seu passado colonial e dependente da cultura portuguesa. No Brasil, jornalistas, poetas, romancistas vão constituir-se em uma elite intelectual com participação direta na vida política do País. As circunstâncias de escassez de livros e de dificuldades de instrução elevavam a posição dos escritores, os quais assumiram funções de caráter público e seguiram o ideal ilustrado europeu, preocupando-se com as questões sociais.

O ideal de nacionalidade é o fermento que ensejou toda a obra romântica. A medicina, tanto quanto a literatura, nesse período assumiram significado essencial. O campo da medicina trazia os princípios científicos para o País, e montava um corpo burocrático especializado para o Estado, que buscava se consolidar. Jurandir Freire Costa, no livro *Ordem Médica e Norma Familiar*, discorre sobre o desenvolvimento das teorias higienistas, dentro do campo da Medicina, e suas conseqüências na organização da sociedade. Estabelece as relações entre fortalecimento do Estado Independente Brasileiro, o crescimento do poder médico e o fenômeno da urbanização. É importante ressaltar que uma das fontes para o seu trabalho foram as teses de doutoramento defendidas no século XIX na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, como a que foi defendida por Macedo.¹⁰

As reflexões dos intelectuais que exerciam variadas funções sociais, associadas às mudanças políticas e culturais ensejaram modernas propostas de educação escolar e sentimental da sociedade. Os escritores defenderam novas maneiras de conceber a vida infantil, a juventude, a velhice, o namoro e o casamento. Drásticas transformações atingiram os papéis sociais feminino e masculino e a maneira de representar o sentimento amoroso. Essas transformações culturais estavam relacionadas, como se sabe, ao movimento internacional de consolidação do modo de vida burguês.¹¹

No romance estudado, somos levados aos tempos do início do Segundo Reinado. *A Moreninha* foi publicado em 1844, época em que, pas-

sado o período regencial, os ares democráticos permaneciam no País como possibilidade ou utopia. No entanto, a opção monárquica indicava uma orientação política conservadora. Esses primeiros grupos letrados viviam esse momento de transição; eram uma “geração vacilante”, tanto do ponto de vista político quanto no plano literário. O grupo oscilava entre duas estéticas, o neoclassicismo e o romantismo, e entre duas atitudes políticas, “*certo liberalismo de origem regencial e o respeitoso acatamento ao Monarca*”, analisa Antonio Candido. Os embates eram calorosos e eles foram responsáveis pela criação da “*vida literária*” no Brasil, e conseqüentemente, têm enorme importância na configuração da nossa vida mental.¹²

Para entendermos melhor essa geração, é necessário lembrar que o ideário romântico externo consistia nas seguintes proposições: fé no avanços materiais da ciência; utopia de sociedade humanitária e igualitária; instalação de uma nova sociabilidade representada pela vida urbana burguesa e civilizada, com controle sobre si mesma; reconhecimento da história como elemento constitutivo do presente. Essa atenção à história leva os romances românticos a terem grande força realista, na medida em que se propõem a pesquisar a sociedade brasileira e traduzem, literariamente, as tensões sociais. Por outro lado, é forte o acento moralizador, pois idealiza a nação moderna. Macedo chegou a dizer que através de sua atividade como escritor queria “*educar com esmero*”.

Além disso, não podemos esquecer que ele obteve grande sucesso como escritor, pois sua obra tornou-se muito popular, abrindo caminho para outros escritores, ajudando na formação de público e na institucionalização da profissão. O empenho educativo da obra literária de Macedo talvez possa ser associado, também, à sua atividade profissional como professor de História e Geografia do Brasil, secretário e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Escreveu livros didáticos nas áreas de História e Geografia, e provavelmente foi o autor mais lido do século XIX. Seu livro *Lições de História do Brasil*, de 1860, foi editado 11 vezes, publicando-se em média seis mil exemplares em cada uma das edições.¹³

O romance, por sua vez, era compreendido como elemento de educação informal da sociedade. Veja-se o comentário de um crítico da época sobre o romance *Vicentina*, de 1853:

O romance é d’origem moderna, veio substituir as novelas e as histórias que tanto deleitavam a nossos pais. É uma leitura agradável e diríamos quase um alimento de fácil digestão proporcionado a estômagos fracos. Por seu intermédio pode-se moralizar e instruir o povo fazendo-lhe chegar o conhecimento de algumas verdades metafísicas, que aliás escapariam à sua compreensão. Se o teatro foi justamente chamado a escola dos costumes, o romance é a moral em ação [...].¹⁴

Criar uma sociedade nova, com valores do individualismo burguês, levaram Macedo a produzir obra copiosa, 20 romances tratando de perfis femininos e histórias de ascensão social por meio de casamentos, 14 peças de teatro e obra variada de cunho documental, como *Memórias da Rua do Ouvidor* (1878). Suas obras mais prestigiadas pela crítica literária e pelos historiadores são, além de *A Moreninha*, *O Moço Loiro* (1845), personagem com uma bondade incrível; *Os Dois Amores* (1848), análise da “fisiologia do coração do pobre” e das contradições nas relações entre ricos e pobres; *Rosa* (1849), romance que revela a natureza histórica das complicações amorosas; *As Vítimas Algozes* (1869), em que examina os efeitos morais da escravidão. A publicação do primeiro romance de Macedo coincidiu com o desenvolvimento da imprensa de grande porte e com a tradução de literatura folhetinesca francesa (George Sand, Chateaubriand, Balzac, Dumas, Eugène Sue). Esses fatores concorreram para a ampliação do público leitor e o aprimoramento do gosto pelo gênero romanesco. Marlise Meyer, em estudo sobre os folhetins, relata como os autores nacionais e internacionais eram simultaneamente lidos e prestigiados por leitores e pela sociedade de literatos. Por exemplo, os jornais de 1844 traziam anúncios publicitários dos livros de Macedo, *A Moreninha*, e de Eugène Sue, *Les mystères de Paris*, já com tradução para o português. No mesmo ano, o livro de Eugène Sue começou a ser publicado em forma de folheto no rodapé do *Jornal do Comércio*. A prática de leitura já indicava os caminhos do fazer literário, mobilizando gêneros, estilos e temas.¹⁵

UMA APROXIMAÇÃO AO TEXTO DO ROMANCE

A Moreninha é uma história contada por um narrador onisciente externo aos acontecimentos. O livro está dividido em 24 capítulos curtos, com episódios completos, que poderiam ser lidos diariamente nos

jornais. O narrador vai distribuindo no texto pistas para o desvendamento da trama. Trata-se da história de amor de Augusto e Carolina, a Moreninha. O tempo da narrativa é curto, os episódios acontecem durante um mês, entre os dias 20 de julho e 20 de agosto. O narrador é minucioso na indicação do tempo, mostrando a evolução dos sentimentos e as transformações pelas quais os personagens passam. Quatro rapazes, Fabrício, Leopoldo, Filipe e Augusto, estudantes de medicina, vão passar o domingo de Sant'Ana na casa da avó de um deles, Filipe. Lá os jovens namoram as primas de Filipe e Augusto conhece Carolina, jovem de 15 anos *“travessa como beija-flor, inocente como uma boneca, faceira como o pavão, e curiosa, como ...uma mulher”* (p. 81).¹⁶ Augusto defendia a tese de que se deveria amar todas as mulheres, entregar-se ao amor apaixonadamente. A entrega deveria ser total, mas os amores seriam passageiros e, por ele ser um *“amador”* de todas as moças, não se fixaria em uma em particular. Daí a fama de Augusto de ser volúvel. O rapaz aposta com os amigos que, se se apaixonasse por uma moça durante o período de um mês, ele teria que escrever um romance.

Depois de várias peripécias, cenas cômicas e lances de desencontro, Augusto se apaixonava perdidamente pela Moreninha. Mas ele vive um dilema. Quando criança havia vivido um episódio marcante de encontro e promessa de amor eterno a uma menina, que perdeu de vista. O episódio é importante para a compreensão dos aspectos históricos presentes no texto porque é uma manifestação do humanitarismo, um dos valores da utopia romântica, e por isso será aqui narrado. Augusto com 13 anos e a menina com 8 anos haviam socorrido um ancião doente e dado algum dinheiro para a família. O ancião, delirando, fez um ritual de casamento entre as crianças, abençoando-as e dizendo que *“a virtude se deve juntar, assim como o vício se procura, (...) São dois anjos que se unem (...)”* (p.112). Os símbolos do casamento são dois objetos pessoais trocados entre as crianças: um camafeu e uma esmeralda. Ao final do romance, desvenda-se o segredo: Augusto, na verdade, havia encontrado a menina que lhe dera a esmeralda, a Moreninha, e os jovens se tornam noivos, com a aprovação da família. A história é muito simples, mas o enredo é muito complicado. Cada capítulo, através de um *“realismo miúdo”*, vai examinando elementos essenciais, estruturais, da sociedade brasileira do século XIX.

A escolha do tema do amor não se explica pelo fato de o romance ser dirigido ao público feminino, nem porque o sexo seja motivo literário caro aos romancistas franceses. Na verdade, essas complicações sentimentais traduzem na sua forma uma “*infra-estrutura*” de divisão da propriedade, que é fundamentada na posição da mulher. Os temas ligados ao namoro, à coqueteria, à arte da sedução revelam “*mecanismos essenciais da moral burguesa, apoiada na necessidade de adquirir, guardar e ampliar propriedade.*” As mulheres agem segundo estas convenções porque “*percebem que, sendo o casamento a sua carreira, o amor é a técnica de obtê-lo do melhor modo.*”¹⁷

Nessa época, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro desenvolviam-se os princípios da higiene, os quais levaram os médicos a propor novos critérios para as relações matrimoniais. O casamento entre mulheres jovens e homens velhos passou a ser desaconselhado. A idade ideal do casamento, para os médicos, era a de 24 a 25 anos para os homens, e a de 18 a 20 anos para as mulheres. Estabeleciam-se também critérios físicos e morais aos noivos. Tanto os homens quanto as mulheres deveriam ser saudáveis, esbeltos e de bom caráter. As mulheres vaidosas e de aparência frágil poderiam transtornar a vida matrimonial. Seria necessário educar a mulher para que ela pudesse cumprir os papéis de esposa e mãe. Eram repudiados o celibato e o homossexualismo. Podemos ler em uma das teses médicas defendidas na época a seguinte crítica ao matrimônio tradicional:

[...] muitos e muitos casamento se fazem, que anunciam um viver ligeiro para os desposados, e no entanto ao cabo de um ou dois anos, de alguns meses e até de dias os esposos já não se amam, vivem em guerra aberta, e com enfado um suporta a presença do outro. [...] [Estas situações] provêm de não haver reserva e prudência na escolha das pessoas com quem temos de nos ligar em matrimônio; provêm de antepormos as más qualidades às boas, só porque aquelas muitas vezes vêm ataviadas de riquezas; de fazermos de casamento um mercado. Quantos pais não coagem suas filhas a unir-se com um estúpido só porque este é abastado? Quantos homens não procuram no casamento senão riquezas? De casamentos contraídos debaixo de maus auspícios [...] nascem filhos que têm sempre ante seus olhos o péssimo proceder de seu pai, de sua mãe ou de ambos, simultaneamente mal-educados, recalitrantes a seus ascendentes, desti-

tuídos de ternura fraternal, sem a menor noção das virtudes domésticas, base das virtudes sociais.¹⁸

O culto à mocidade está presente também no ideário romântico brasileiro, que atribuía à juventude a responsabilidade da construção da Pátria, a renovação moral, e a formação de uma nova tendência literária. Evaristo da Veiga, jornalista e político, representante do movimento pré-romântico, dizia:

Idéias elevadas, filhas da Filosofia do Século, triunfam nessa idade, que a moral dos interesses não corrompeu ainda; e os seus corações livres de seduções, que os esperam, só anelam o bem da Pátria, os cabedais da instrução, o aperfeiçoamento intelectual. O Brasil tem posto na sua Mocidade as suas mais caras esperanças.¹⁹

Macedo figura, no romance, as relações familiares e sociais, descrevendo os papéis femininos e masculinos, e propondo mudanças muito semelhantes àquelas defendidas pelo pensamento médico. O conjunto dos personagens se divide em dois pólos: o grupo obediente aos comportamentos convencionais, herdados da estrutura colonial paternalista, e os dois personagens românticos, Augusto e a Moreninha, ainda pouco definidos, mas já apresentando sinais de atitudes mais individualistas, com maior sensibilidade pela sua vida interior. Há dois personagens mediadores: Filipe, irmão da Moreninha, e D. Ana, sua avó, os quais promovem a aproximação dos dois e acomodam as tensões entre a pequena elite local e os modos extravagantes, para a época, do par romântico. As moças são descritas como sendo fúteis, maliciosas, sonsas, fingidas, tendo uma “*conversa sofrível e sentimental*” (p. 77), utilizando-se de estratégias padronizadas para conquistar um marido. Os rapazes são quase cafajustes, interesseiros e irresponsáveis. As cores são caricatas, para realçar a novidade dos sentimentos românticos.

O romance está estruturado sobre um conjunto de antíteses, que se repetem no enredo, na caracterização do personagem, na escolha de peripécias. Por exemplo, no enredo são citadas duas cantigas. Uma delas explica a forma tradicional de conquistar maridos e a outra faz o elogio do amor romântico:

I - Menina bonita/ Que almeja casar, / Não caia em amar / A homem algum; /Nem seja notável/ Por sua esquivança, / Não tire a esperança / De amante nenhum.

II - Mereçam-lhe todos / Olhares ardentes, / Bem pode soltar; / Não negue a nenhum / Protestos d'amor, / A qualquer que for / O pode jurar.

III - Os velhos não devem / Formar exceção / Porquanto eles são / Um grande partido; / Que em na falta de moço / Que fortuna faça, - Nunca foi desgraça / Um velho marido (p.130-131).

Enquanto as moças entoam essa cantiga, a Moreninha canta uma antiga balada inspirada em um mito indígena: *"I – Eu tenho quinze anos / E sou morena e linda! Mas amo e não me amam. / E tenho amor ainda: / E por tão triste amar, / Aqui venho chorar"* (p.145).

A função educativa do romance ocorre pelo artifício de valorização do tipo feminino representado pela Moreninha e desvalorização dos comportamentos das outras personagens femininas. Observe a descrição da vestimenta e entrada da Moreninha no sarau:

Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturado empenho se esforçam por ver qual delas vence em graça, encantos e donaires, certo sobrepuja a travessa Moreninha, princesa daquela festa.

Hábil menina é ela! Nunca seu amor próprio presidiu com tanto estudo seu toucador e, contudo, dir-se-ia que o gênio da simplicidade a penteara e vestira. Enquanto as outras moças haviam esgotado a paciência de seus cabeleireiros, posto em tributo toda a habilidade das modistas da rua do Ouvidor e coberto seus colos com as mais ricas e preciosas jóias, D. Carolina dividiu seus cabelos em duas tranças, que deixou cair pelas costas; não quis ornar o pescoço com seu adereço de brilhantes, nem com seu lindo colar de esmeraldas; vestiu um finíssimo, mas simples vestido de garça, que até pecava contra a moda reinante, por não ser sobejamente comprido. E vindo assim aparecer na sala, arreatou todas as vistas e atenções (p.212-213).

Está se formando um novo perfil de mulher, sensível e independente, mas plenamente adequado ao modelo da domesticidade feminina. A Moreninha é pura, mesmo sendo hábil, à sua maneira, na conquista dos homens. Logo no início do romance os dois jovens se avaliam,

buscam identificar as qualidades e defeitos de caráter. Admiram-se mutuamente pelas dotes de solidariedade e de inteligência. Ela conquista Augusto pela vivacidade, perspicácia, originalidade e bondade; não pela beleza física. No entanto, há passagens em que o narrador mostra os seus dotes físicos e o seu treinamento para ser uma boa esposa e mãe. Por exemplo, quando ela se mostra uma exímia artesã nos trabalhos manuais e quando demonstra preocupação com a sua mãe de leite, que havia estado doente. O episódio é cômico porque, na verdade, Paula, agregada na casa, havia tomado uma bebedeira. Mas a Moreninha não percebe o incidente e demonstra muito afeto pela senhora. É nesse ponto do enredo que Augusto percebe-se apaixonado por ela.

Augusto é atento aos seus próprios estados de alma e a história vai narrando e comentando a instabilidade psicológica do personagem. No final da história, Augusto é impedido pelo pai de ir ver sua amada. Cai no estado de alma melancólico, motivo literário romântico. O narrador nos conta:

Já era tarde. Augusto amava deveras, e pela primeira vez em sua vida; e o amor, mais forte que seu espírito, exercia nele um poder absoluto e invencível. Ora, não há idéias mais livres que as do preso; e, pois o nosso encarcerado estudante soltou as velas da barquinha de sua alma, que voou, atrevida, por esse mar imenso da imaginação; então começou a criar mil sublimes quadros e em todos eles aparecia a encantadora Moreninha, toda cheia de encantos e graças (p.283).

Trata-se de um novo tipo de namoro e de casamento, em que as razões sentimentais e amorosas prevalecem em relação aos interesses econômicos familiares. O romance não tece um quadro de conflito aberto entre o indivíduo e a sociedade, mas sugere uma mudança de comportamento. Os dois jovens buscam um amor mais sensível, autêntico, mas a família está por trás controlando o processo do namoro e os jovens pertencem ao mesmo grupo social. Assim, não há grandes obstáculos para o casamento dos dois. Portanto, Macedo não fere a estrutura social da burguesia carioca. Segundo Antonio Candido, os romances de Macedo apresentam dois eixos narrativos: o eixo do real, em que a história começa e termina sob o signo da normalidade, e o eixo ficcional, formando o recheio do enredo, em que os personagens passam por situações de desequilíbrio.

Macedo era tido como o “*escritor das famílias*”. Podemos dizer que ele foi conservador em literatura, em política e em historiografia. No entanto, as agitações parlamentares do final da Regência e início do Segundo Reinado, o processo de urbanização, – que influenciava a sensibilidade das pessoas, ao multiplicar as possibilidades de escolha individual e tornava mais complexa a vida mental e social –, todas essas realidades históricas faziam com que Macedo ampliasse a sua visão sobre o meio em que vivia. Embora sua obra seja bem comportada, ela tem rasgos de compreensão das mudanças e contradições sociais. São de Antonio Candido estas considerações:

A experiência das agitações regenciais, toda a maré de inquietudes social e de esperança democrática, rompida pela coligação cada vez mais sólida dos homens da ordem e do dinheiro, e dissolvida no paternalismo escravocrata do segundo reinado, deve ter vincado a sensibilidade de Macedo, para sua vista ficasse, por um momento tão clara e penetrante.²⁰

Como podemos aproveitar esses momentos vivos de representação literária da realidade histórica do início do Segundo Reinado? Lendo o texto com olhos de historiador, encontramos passagens que revelam tensões entre os grupos sociais. Normalmente são passagens escritas com a linguagem da ironia, da sátira e da paródia, recursos literários que permitem o confronto entre vozes sociais e visões de mundo. O texto traz em seu bojo o diálogo social, referido como discurso citado; muitas vezes, sem que o autor faça a avaliação pessoal, transformando-o.²¹ Apenas, está apresentando o universo mental para que seja avaliado por seus leitores. Nesses momentos a realidade viva transparece na linguagem e serve aos propósitos de reconstrução histórica.

A “TAGARELICE DE MACEDO”:

TESTEMUNHO HISTÓRICO DE UMA ÉPOCA

Selecionamos alguns trechos que testemunham particularidades históricas:

1. Primeiramente destacaremos a estratégia de discurso que se refere à formação do público leitor. Na história, Augusto irá escrever um romance. Com esse recurso o autor está promovendo o gênero no momen-

to mesmo em que este está sendo ensaiado no País. Como se sabe, Macedo é considerado o iniciador do romance romântico no Brasil. Aproveita o romance para fazer a propaganda, a divulgação e o convencimento dos leitores. Em vários momentos o narrador comenta a forma como a história está sendo contada, instruindo a leitura do receptor. Por exemplo:

E fizemos muito bem em concluir depressa, porque Filipe acaba de receber Augusto com todas as demonstrações de sincero prazer e o faz entrar imediatamente [...] (p.56).

Um autor pode entrar em toda parte e, pois...Não, não, alto lá! No gabinete das moças... não senhor, no dos rapazes, ainda bem. A porta está aberta (p.200).

A cena se estava tornando patética (p.300).

2. O autor mimetiza a fala coloquial, incorporando no romance discursos de grupos sociais. É difícil escolher um exemplo da citação de falas coloquiais, pois todo o texto foi construído por meio de diálogos, como se fosse uma peça de teatro. Exemplo:

Mas as moças falam já há cinco minutos; façamos por colher algumas belezas, o que é, na verdade, um pouco difícil, pois, segundo o antigo costume, falam todas quatro ao mesmo tempo. Todavia, alguma coisa se aproveitará.

– Que calor!...exclamou d. Gabriela, afetando no abanar de seu leque todo o donaire de uma espanhola; oh! Não parece que estamos no mês de julho; mas, por minha vida, vale bem o incômodo que sofremos, o regalo que têm tido nossos olhos.

– Bravo, d. Gabriela!...então seus olhos...

– Têm visto muita coisa. Olhe, que não é por falar mas, por exemplo, há objeto mais interessante do que d. Luisa mostrar-se gorda, esbelta, bem feita?

– É verdade! É verdade! – bradavam as três.

– E nós que a conhecemos! – disse d. Clementina. Fora é o que se vê e em casa, tão escorridinha!...Ora, nem se sabe onde lhe fica a cintura.

– É um saco!

– E como é feia!...

– É horrenda!

- É um bicho!
- E não vimos a filha do capitão com sua dentadura postiça?...Agora não faz senão rir!...
- Coitadinha! Aperta tanto os olhos!
- Se ela pudesse arranjar também um postiço para o queixo!
- Ora d. Clementina, não me obrigue a rir!...
- D. Joaninha, você reparou no vestido de chalim de d. Carlota?...Quanto a mim, está absolutamente fora de moda.
- Ainda que estivesse na moda, não há nada que nela assente bem.
- Ora...é um pau vestido!...tem uma testa maior que a rampa do largo do Paço!...
- Um nariz com tal cavalete, que parece o morro do Corcovado!...
- E a boca?...ah! ah! ah!
- Parece que anda sempre pedindo boquinhas.
- E que língua que ela tem!
- É uma víbora!
- Eu não sei porque as outras não hão de ser como nós que não dizemos mal de nenhuma delas (p.171-172).

3. Macedo, por meio de uma conversa entre os rapazes sobre temperamentos de mulheres, apresenta as diferenças entre a vida urbana e a vida rural:

Estudemos as duas vidas. A moça da corte escreve e vive comovida sempre por sensações novas e brilhantes, por objetos que se multiplicam e se renovam a todo momento, por prazeres e distrações que se precipitam; ainda contra a vontade, tudo a obriga a ser volúvel: se chega à janela um instante só, que variedade de sensações! [...] *ela se faz por força e por costume tão inconstante como a sociedade em que vive, tão mudável como a moda dos vestidos*. Queres agora ver na solidão de seus campos, talvez menos alegres, porém certamente, mais livres; *sua alma é todos os dias tocada dos mesmos objetos*: ao romper d'alva, é sempre e só aurora que bruxoleia no horizonte; durante o dia, são sempre os mesmos prados, os mesmos bosques, e árvores [...] Assim, ela se acostuma a ver e amar um único objeto; seu espírito, quando concebe uma idéia, não a deixa mais [...] quando chega a amar, é para nunca mais esquecer, é para viver e morrer por aquele que ama (p.244-245, *grifos nossos*).

4. O universo mental da Medicina, invadindo a interpretação dos sentimentos e regulando o comportamento social. Marcas refratadas do lugar social do autor:

– Que interessante terceto! Exclamou Augusto com tom teatral; que coleção de belos tipos! ... uma jovem de dezessete anos, pálida ...romântica e, portanto, sublime; uma outra, loura...de olhos azuis...faces cor-de-rrosa...e...não sei que mais; enfim clássica e por isso bela. Por último uma terceira de quinze anos...moreninha, que, ou seja romântica ou clássica, prosaica ou poética, ingênua ou misteriosa, há de, por força, ser interessante, travessa e engraçada (p.32-33).

Ora, esses derramamentos d'alma bastante me assustaram, porque eu me lembro que em patologia se trata mui seriamente dos derramamentos (p.43).

5. O avanço da Medicina experimental, científica, procurando se impor ao saber popular sobre as doenças. O debate entre a Medicina tradicional das sangrias e dos humores, a alopatia e homeopatia é citado de maneira cômica:

– Sangue! Sempre sangue! Eis a medicina romântica dos insignificantes Broussais! Mas eu detesto tanto a medicina sanguinária, como a estercorária, herbária, sudorária e todas as que acabam em ária. Desde Hipócrates, que foi o maior charlatão de seu tempo, até os nossos dias, tem triunfado a ignorância, mas já, enfim, brilhou o sol da sabedoria...Hahnemann...ah! quebrai vossas lancetas, senhores! Para curar o mundo inteiro basta-vos uma botica homeopática com o Amazonas ao pé! [...] (p.187).

6. Os costumes regrados de uma sociedade baseada nas aparências são descritos na cena do sarau:

Um sarau é o bocado mais delicioso que temos, de telhados baixos. Em um sarau todo o mundo tem que fazer. O diplomata ajusta, com um copo de champanha na mão, os mais intrincados negócios, todos murmuram e não há quem deixe de ser murmurado. O velho lembra-se dos minuentes e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalos da sua época; as moças são no sarau como as estrelas no céu; estão no seu elemento

(...)Ali vê-se um ataviado "dandy" que dirige mil finezas a uma senhora idosa, tendo os olhos pregados na sinhá, que senta-se ao lado. Finalmente, no sarau não é essencial ter cabeça nem boca, porque, para alguns é regras, durante ele, pensar pelos pés e falar pelos olhos (p.211-212).

7. A emergente valorização dos jovens como figuras-chave da família e o começo da desqualificação dos velhos, que deixam de ser os transmissores privilegiados da cultura, são assuntos aludidos no texto:

Os rapazes estavam nos seus gerais; a princípio, como é seu velho costume, haviam festejado, cumprimentado e aplaudido as senhoras idosas que se achavam na sala, principalmente aquelas que tinham trazido consigo moças; mas passada meia hora, adeus etiquetas e cerimônias!... Estabeleceu-se um *cordão sanitário entre a velhice e a mocidade*; [...] (p. 192, grifos nossos).

8. A cena do casamento simbólico entre as crianças, em que aparecem elementos rituais do casamento católico e, simultaneamente, a introdução de objetos pessoais, profanos. Episódio que pode ser assinalado como documento da progressiva laicização da sociedade, fortalecimento da regulação social sob princípios liberais, sem que fossem abandonados os valores católicos. É documento muito rico para perceber-se o movimento social como confluência de visões de mundo, denso de passado e presente.

– Quando as ordens do ancião foram completamente executadas, ele tomou os dois breves e, dando-me o de cor branca, disse-me:

– Tomai este breve, cuja cor exprime a candura da alma daquela menina. Ele contém o vosso camafeu; se tendes bastante força para ser constante e amar para sempre aquele belo anjo, daí-lho, a fim de que ela o guarde com desvelo.

Eu mal compreendi o que o velho queria ainda: maquinalmente entreguei o breve à linda menina, que o prende no cordão de ouro que trazia ao pescoço.

Chegou a vez dela. O homem deu-lhe o outro breve, dizendo:

– Tomai este breve, cuja cor exprime as esperanças do coração daquele menino. Ele contém a vossa esmeralda; se tendes bastante força para ser

constante e amar para sempre aquele bom anjo, daí-lho, a fim de que ele o guarde com desvelo (p.114).

9. Encontramos no romance várias informações sobre a educação feminina do período. A Moreninha ensaia sua vida adulta através das bonecas que cultivava em seu quarto, e faz questão de mostrar essa preparação ao namorado. O capítulo chama-se “*Segundo Domingo: brincando com bonecas*”:

– Já tem cuidados? ...

– Quem é que deles carece?...O pai de família tem os filhos, o senhor os seus livros e eu, que sou criança, tenho minhas bonecas. Quer vê-las?

– Com o maior prazer.

Um momento depois a sala estava invadida por uma enorme quantidade de bonecas, cada uma das quais tinha seus parentes, seus vestidos, jóias e um número extraordinário de bugiarias, como qualquer moça da moda as tem em toucador [...]

Com efeito, Augusto já sabe de cor e salteado todos os nomes dos membros daquela muito numerosa família; conhece os diversos graus de parentesco que existem entre eles, acalenta as bonecas pequenas, despe umas e veste outras, batiza, casa, em uma palavra, dobra-se aos prazeres de sua bela mestra, como uma varinha ao vento (p.275-276).

Brincar com bonecas, do ponto de vista da história da vida privada no século XIX, significou para as mulheres a possibilidade de reflexão interior, de identificação de seus estados de alma. A brincadeira passa a ter uma função psicológica, ao favorecer o monólogo interior, as confidências, o reconhecimento de si mesmo e a descoberta da identidade social. Participa, associada a outros elementos da vida privada, como a fotografia, o espelho, a escrivadinha, o diário, a leitura, da construção da intimidade burguesa e da literatura romântica. No início do século XIX, as bonecas ainda não têm aspecto de meninas, representam mulheres em miniatura, com todos os adereços da moda, o que permite uma identificação maior entre a brincadeira e a situação social das moças. A partir da segunda metade do século XIX, começam a ser fabricadas bonecas com aparência de meninas e, ao final do século, já temos as bonecas representando recém-nascidos, os bebês. Neste estágio a relação de mãe e

filha se impõe nas brincadeiras. As bonecas deixam de proporcionar a reflexão psicológica e tornam-se um instrumento de aprendizado.²²

10. Macedo, na maioria de suas romances, fugiu do submundo carioca e das circunstâncias sociais relacionadas à escravidão. No entanto, dedicou uma obra inteira, *As Vítimas Algozes*, sobre a pobreza dos bairros periféricos do Rio de Janeiro. Em *A Moreninha* encontramos poucas referências à vida dos escravos, mas existe uma passagem que consideramos muito significativa, porque traz a visão da classe dos proprietários em relação aos escravos. Talvez essa passagem tenha sugerido aos autores da segunda e terceira gerações românticas, e a Machado de Assis, um ponto de vista inédito e muito fecundo. Rafael é o escravo de quarto de Augusto, cuida de suas roupas, comida e outras afazeres, como levar mensagens e fazer compras. Quando Augusto está aborrecido, aplica castigos no escravo e isto tem o mesmo valor que outras ações do personagem. Isto é, o texto não faz censura direta ao fato, faz um leve julgamento, mas não assume uma posição humanitária, porque a escrita está orientada para refletir sobre os sentimentos amorosos de Augusto e não para a condição social do escravo. Atente-se ao artifício do discurso indireto livre, que faz fluir, na descrição, a voz do personagem Augusto. Com isso, características da mentalidade escravocrata transparecem com certa nitidez:

O nosso Augusto, por exemplo, está agora bronco para as lições e imperitine com tudo. Rafael é quem paga o pato; se o inocente moleque lhe apronta o chá muito cedo, apanha meia dúzia de bolos, *por que quer ir vadiar pelas ruas*; se no dia seguinte se demora só dez minutos, leva dois pescções, *para andar mais ligeiro*. Não há, enfim, cousa alguma que possa contentar o sr. Augusto; está aborrecido da medicina, tem feito duas gazetas nas aulas; de ministerial, que era, passou a oposição; não quer ser assinante de periódicos, não há para seus olhos lugar nenhum bonito no mundo; aborrece a corte, detesta a roça e só gosta de ilhas (p.253-254, *grifos nossos*).

EM BUSCA DE UMA SÍNTESE, MESMO QUE PROVISÓRIA

A fortuna crítica do romance é pequena. Poucos críticos se interessaram em desenvolver pareceres sobre a obra. Na verdade, temos duas grandes interpretações: a de Dutra Melo, contemporânea à publicação

do livro, e a de Antonio Candido, publicada inicialmente como prefácio à edição da Editora Martins, nos anos de 1950. Dutra Melo era poeta romântico e precursor da crítica literária brasileira. De espírito aberto para o novo estilo que surgia, legou-nos o seguinte comentário: “*Vê-se que uma facilidade, uma simplicidade, um não sei o quê de franco, de interessante, de desimpedido, são os dotes principais do estilo em que é manejada a ‘Moreninha’; e tal julgamos ser o caráter do autor.*”²³

Antonio Candido, no ensaio já citado, sobre o qual não podemos deixar de ressaltar o seu caráter de leitura estimulante e esclarecedora, acompanha o julgamento estético de Dutra Melo:

Correndo os olhos por esta obra longa e prolixa [...], vem-nos a impressão de que o bom e simpático Macedinho, como era conhecido, cedeu antes de mais nada a um *impulso irresistível de tagarelise*. Os seus romances, digressivos e coloquiais; entremeados de piadas ou lágrimas, à vontade; tendendo à caricatura, mesmo ao lado da tragédia; cheios de alusão à política e aos acontecimentos – os seus romances parecem, antes, *narrativa oral de alguém muito conversador*, cheio de casos e novidades, não desdenhando uns enfeites para realçar a alegria ou tristeza do que vai contando.²⁴

Enfim, o jeito conversador de Macedo, sua “*tagarelise*”, sua maneira “*desimpedida*” de falar sobre o meio social “*acanhado*” em que vivia, ensejou uma obra prolixa e irregular que, em seus melhores momentos, revelou uma “*acuidade para os pequenos casos que definem melhor a natureza das ações*”. Essas qualidades textuais justificam a sua escolha como obra especialmente rica em referências ao contexto social e mental do século XIX. Esperamos ter aberto um caminho para o aproveitamento das obras literárias no ensino de História. Trata-se de um trabalho multidisciplinar, em que a leitura de História e de crítica literária parece-me essencial para a compreensão dessa documentação.

Incurções didáticas com textos literários na disciplina de História mobilizam vários tipos de informações históricas e dependem de um conhecimento das técnicas de escrita literária, gêneros e temáticas, recursos de linguagem e de conteúdo. É bom ressaltar que, como já dissemos, os textos não são reflexos objetivos de contextos históricos estanques. Nosso trabalho não é o de simplesmente identificar conteúdos históricos presentes nos textos literários. O objetivo é mostrar como os

textos literários dialogam com outros textos sociais – formas de pensamento, mentalidades, estruturas sociais e, eventualmente, gêneros literários. A literatura é escrita ágil, esperta, depende de leitores muito bem informados. Nas aulas de História, a literatura tem o poder de materializar o perspectivismo e o relativismo dos conceitos e comportamentos humanos. É ferramenta essencial de compreensão da realidade histórica, porque traz informações de pontos de vista singulares, de grupos intelectualizados que têm, pela natureza de sua arte, compromisso com a interpretação de aspectos sociais e individuais. É metodologia que desafia e seduz alunos e professores. Provoca o intelecto. Ativa a sensibilidade.

MORAES, Dislane Zerbinatti. The Macedo's garrulity and the History of Brazil Teaching. *História*, São Paulo, v. 23 (1-2), p. 85-107, 2004.

ABSTRACT: In this article we do a reading of Joaquim Manuel de Macedo's novel, *A Moreninha*, from the point of view of the production of texts that aims the construction the idea of modernity, common worth for medical, educational and historiographical discourse in the 19th. Century. We also intend to provide methodological elements to the historical analysis of literary documents and we evaluate the limits and possibilities of the use of this language in History teaching. We take the literature as a specific documental source that needs a refined analysis, in order to apprehend the historical elements that are associated with the textual dimension and the contexts of production and reception.

KEYWORDS: History teaching; Brazilian literature; Cultural history of empire.

NOTAS

¹ Professora do departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada de História da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – CEP 05508-908. dzmoraes @ usp.br

² CANDIDO, Antonio. “Aparecimento da ficção”. In: _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins, 1969, v.2, p.112.

³ CANDIDO, Antonio. “O Honrado e Facundo Joaquim Manuel de Macedo”. In: *Idem*, v.2, p.138.

⁴ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.29.

⁵ Sobre a questão da homologia entre forma literária e realidade histórica consultar ADORNO, Theodor W. “Lírica e Sociedade”. *Benjamin, Adorno, Horkheimer, Habermas*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção *Os Pensadores*). Há dois estudos clássicos de Antonio Candido que explicam esse tipo de análise literária. Trata-se dos estudos *Dialética da Malandragem* (sobre *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida) e *De cortiço a cortiço* (análise de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo), encontrados no livro *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

⁶ CANDIDO, Antonio. “Literatura como sistema”. In: _____. *Op. cit.*, v.1, p.23.

⁷ Idem. “O Nacionalismo Literário”. In: _____. *Op. cit.*, v.2, p.13.

⁸ Idem. *Formação da Literatura Brasileira*, v.2, p.377.

⁹ *apud* SCHWARCZ, Lília. *Os guardiões da nossa história oficial: os institutos históricos e geográficos brasileiros*. São Paulo: IDESP, 1989, p.15.

¹⁰ Jurandir Freire Costa, no livro *Ordem Médica e Norma Familiar*, Rio de Janeiro: Graal, 1983

¹¹ PERROT, Michelle. *História da Vida Privada*. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

¹² CANDIDO, Antonio. “Geração Vacilante”. In: _____. *Op. cit.*, v.2, p.47.

¹³ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes.. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. São Paulo, 1993. Tese (doutorado) – FFLCH-USP, Depto. de História, p.205-206.

¹⁴ PINHEIRO, J.C. “Vicentina, Romance do sr. Dr. Joaquim Manuel de Macedo, Guanabara, III. *Apud*. CANDIDO, Antonio. “Os primeiros sinais”. In: _____. *Op. cit.*, v.2, p.119.

¹⁵ MEYER, Marlise. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.281-283.

¹⁶ MACEDO, Joaquim Manuel. *A Moreninha*. São Paulo: Martins, s/d. Todas as passagens de texto citadas foram retiradas desta edição.

¹⁷ CANDIDO, Antonio. O honrado e facundo Joaquim Manuel de Macedo. In: _____. *Op. cit.*, v.2, p.139.

¹⁸ GOMES, Antonio Francisco. p.2 . *Influência da educação física do homem*. Tese. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1852. *Apud*. COSTA, Jurandir Freire, *Op. cit.*, p.219-220.

¹⁹ VEIGA, Evaristo. *Aurora Fluminense*. n.147, p.607. *Apud*. CANDIDO, Antonio. “Os gêneros públicos”. In: _____. *Op. cit.*, v.1, p.266.

²⁰ CANDIDO, Antonio. "O honrado e facundo Joaquim Manuel de Macedo". In: _____. *Op. cit.*, v.2, p.144.

²¹ Sobre as questões do plurilingüismo, dialogismo, discurso de *outrem*, paródia e sátira, estou usando os livros de Mikhail Bakhtin *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Unesp, Hucitec, 1993, e *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

²² CORBIN, Alain. "O segredo individuo". In: PERROT, Michelle (org.). *História da Vida Privada*. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.480-481.

²³ DUTRA e MELO. "A Moreninha", *Minerva Brasiliense*, v.II, p.748 *apud*. CANDIDO, Antonio. "O Honrado e Facundo Joaquim Manuel de Macedo". In: _____. *Op. cit.*, v.2, p.138.

²⁴ CANDIDO, Antonio. "O Honrado e Facundo Joaquim Manuel de Macedo". *Op. cit.*, v.2, p.137. (grifos nossos).

Artigo recebido em 10/2004. Aprovado em 12/2004.